

# OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X  
E-ISSN 2184-173X





UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



LETRAS  
LISBOA



Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA  
DA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 2 – 2018

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa  
Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)  
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)  
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)  
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)  
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)  
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)  
José Remesal (Universidade de Barcelona)  
Leonor Rocha (Universidade de Évora)  
Manuela Martins (Universidade do Minho)  
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)  
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)  
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)  
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre vaso cerâmico de Camposoto (desenho de António Sáez Romero / Joan Ramon Torres).

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2018

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): [www.ophiussa.letras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.letras.ulisboa.pt)

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2018, os autores

Edição:

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.  
[www.uniaraq.net](http://www.uniaraq.net) - [www.ophiussa.letras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.letras.ulisboa.pt) - [uniaraq@letras.ulisboa.pt](mailto:uniaraq@letras.ulisboa.pt)

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

# OPHIUSSA

VOLUME 2, 2018, PÁGINAS 195-204. SUBMETIDO A 30.03.2018. ACEITE A 19.06.2018.

## A HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA NO NOVO MILÉNIO: DIMENSÕES, MÉTODOS E PERSPECTIVAS PARA O CASO PORTUGUÊS

## THE HISTORY OF ARCHAEOLOGY IN THE NEW MILLENIUM: DIMENSIONS, METHODS AND PERSPECTIVES FOR THE PORTUGUESE CASE

DANIEL CARVALHO<sup>1</sup>

### RESUMO

A História da Arqueologia veio a conhecer, com o novo milénio, um crescimento em termos de investigação nunca antes visto para a comunidade arqueológica internacional. Para compreender a sua evolução no caso português, de modo a fomentar igualmente a sistematização de estudos sobre a temática, realizou-se uma reflexão assente em quatro parâmetros considerados fundamentais: História, dimensões, métodos e perspectivas. Espera-se contribuir para a visualização da História da Arqueologia como uma área de grande potencial para as práticas contemporâneas da disciplina, congregando períodos cronológicos, arqueólogos e problemáticas, abonando a uma visão de conjunto e multidisciplinar, crucial para entender o lugar da Arqueologia quer na ciência quer na sociedade.

**Palavras-chave:** História da Arqueologia; Teoria e Métodos da Arqueologia; Portugal; Interdisciplinaridade.

### ABSTRACT

In recent years, History of Archaeology has been growing internationally as a field of study. This paper seeks to analyze its development in Portugal according to four different frames: history, dimensions, methods and perspectives. Our goal is to present History of Archaeology as a field of great potential to critically examine the practice of archaeology. In order to do so, we will provide a holistic and interdisciplinary perspective that accounts for chronological periods, archaeologists and questions. We argue that this exercise is crucial to understand the place of archaeology within the sciences and society.

**Keywords:** History of Archaeology; Theory and Methods of Archaeology; Portugal; Interdisciplinarity.

## 1. INTRODUÇÃO

A História da Arqueologia adquiriu, na transição do milénio, uma manifesta atenção pela parte da comunidade científica internacional. Com a produção bibliográfica sobre o tema a crescer significativamente, a sua profissionalização (Moro Abadía 2012:1) e a conseqüente especialização, visível na criação de plataformas e grupos de trabalho internacionais sobre o tema, a historiografia adquiriu um lugar de destaque na disciplina. Contudo, não obstante a gradual atenção pela parte da comunidade arqueológica, poucas obras se debruçam efectivamente sobre *como* escrever a História da Arqueologia, nem as suas características intrínsecas. Algo que se pode justificar com a liberdade de escolha dentro das ciências sociais, origina por vezes, pela parte do leitor, algumas dificuldades em identificar concretamente um trabalho de índole historiográfica. Por outro lado, ao descurar-se a própria evolução da historiografia da Arqueologia, não se abonam aos particularismos, levando, em última instância, a considerar esta como sendo um puro trajecto teleológico, o que suscita, nas gerações mais jovens, um manifesto desinteresse. Assim, considerou-se necessário estabelecer um estado da arte: apresentando uma síntese dos processos que marcaram a História da Arqueologia enquanto construtora de conhecimento; um ensaio sobre os seus aspectos teóricos e a apresentação de metodologias, algumas destas relativamente recentes. Finalmente, as perspectivas de futuro encerram a esperança de contribuir para um novo olhar para a História da Arqueologia portuguesa, com uma renovada gama de futuras linhas de investigação.

## 2. UMA HISTÓRIA DA HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA

A mutabilidade de uma disciplina científica, permeável não só aos seus desenvolvimentos internos, de aplicação metodológica e teórica, mas igualmente ao contexto em que se insere, não sendo nunca integralmente hermética a este, reflete-se na construção da sua historiografia. A Arqueologia não se assume como excepção, caminhando a par da contemporaneidade, contaminando as perspectivas do Passado com as idiossincrasias do presente, construindo e reconstruindo narrativas, desafiando-se, na actualidade, a própria noção de escalonamento cronológico com uma concepção heideggeriana do

Tempo, de imiscuição das dimensões temporais, ou seja, de um ponto de vista meramente humano, onde os conceitos de passado, presente e futuro tendem a fundir-se na nossa percepção (Lucas 2005: 36). Pois se, de facto, a Arqueologia trata de realidades pretéritas, o registo arqueológico constitui-se como o produto final de um conjunto de acções e intenções cujo significado cabe ao arqueólogo interpretar, no presente (Hodder - Hudson 2002:144). Estas premissas, aqui genericamente apresentadas, representam aspectos basilares para a compreensão do que a História da Arqueologia pretende efectivamente alcançar. Por um lado, a problemática de como é percebido o Passado pelas sociedades humanas, cujas interacções e experiências diferenciadas resultam em comportamentos e conceptualizações distintas do fenómeno, questão genericamente ensaiada para épocas históricas que tende a expandir-se para a Pré-História, através de metodologia concreta (Bradley 2002: 8; Fabião 1989: 11). Por outro, um acto de auto-reflexão, no que toca à Arqueologia enquanto ciência, dos princípios que orientaram a consolidação da disciplina, sendo estes da mais variada índole. Poder-se-ia anexar ainda um outro aspecto: a necessidade da conservação da memória de intervenções arqueológicas do passado recente e da sua conseqüente re-interpretação, face a uma volumetria de dados que por muitas vezes se descontextualizam. Esta componente, que se poderia considerar como uma meta-Arqueologia - de "escavar a escavação" ou "interpretar a interpretação" - permite que a historiografia, quando deparada com fontes que proporcionem este tipo de análise, se destaque enquanto ferramenta indispensável para este propósito.

Inequivoco, não obstante os seus objectivos gerais permanecerem relativamente inalterados, é o facto da História da Arqueologia se produzir de acordo não só dentro do paradigma vigente à época, mas a todo um contexto geográfico, social e político que a permeia.

No entanto, esta é a visão contemporânea no contexto da Arqueologia europeia, dado que, para entender a produção historiográfica da disciplina torna-se necessário demarcar, em linhas gerais, dois períodos-chave distintos: do nascimento da Arqueologia enquanto ciência até à década de 1980 e desse momento em diante, até à actualidade.

O primeiro período caracteriza-se como uma fase de intelectualismo, ou seja, da escrita da História da Arqueologia para arqueólogos sobre arqueólogos. Destacam-se as grandes descobertas, o

artefacto mais esteticamente aprazível, o investigador de maior cunho científico: um quadro conectado com a objectividade da escola positivista, de relato com cariz de “whig history” (Moro-Abadía 2012: 179). Esta última particularidade conecta-se com a legitimação de uma disciplina que, no século XIX, lança as suas bases científicas, assumindo-se como o verdadeiro – e único – discurso capaz de explicar o percurso da Humanidade, coerente com a noção teleológica do mesmo (Moro-Abadía 2012: 179; Murray 2005: 27). Imanente a esta questão encontra-se igualmente uma necessidade de ultrapassar um problema de identidade, de pretensão corte com o antiquário, afirmando-se, num plano que se pretende dicotómico, o arqueólogo. Esta oposição prolongar-se-á, de modo mais ou menos assertivo, na tradição historiográfica.

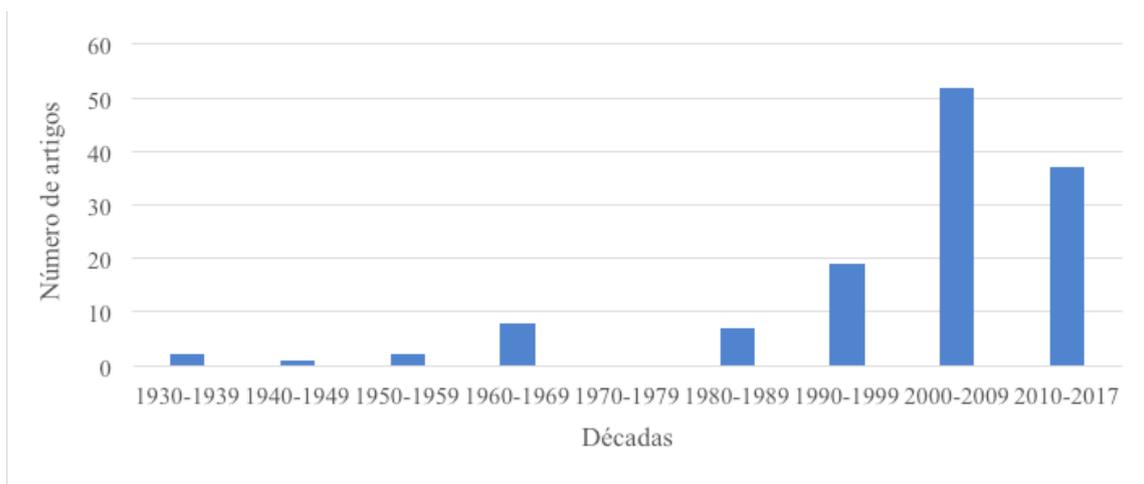
O segundo período materializa-se a partir da década de 1980, marcada por uma intensa transformação da disciplina. De facto, da semente da pós-modernidade surgiria uma pletora de ramificações que levou a que a Arqueologia considerasse a existência de novas questões que pudesse incorporar no seu discurso, o que originou a génese de várias “Arqueologias”, cada qual com uma temática concreta. Paralelamente, o relativismo viria a refutar a existência de uma verdade absoluta, assim como levaria à desconstrução das meta-narrativas da modernidade, assumindo-se a formulação de vários passados distintos, dependentes de um fundamento basilar deste novo paradigma: o contexto (Hodder - Hudson 2002: 170). As implicações decorrentes destas novas perspectivas iriam alargar em grande medida o leque de temáticas que a História da Arqueologia passaria a procurar tratar, criticando, por um lado o pretensão hermetismo do paradigma anterior (Moro-Abadía 2012: 183), argumentando a necessidade de resgatar ao esquecimento sítios, indivíduos e artefactos que, pela sua aparente falta de monumental ou importância, haveriam sido relevados para a irrelevância. Escrevem-se agora Histórias da Arqueologia para o Mundo sobre o Mundo, numa lógica de abrangência e permeabilidade que a disciplina pressupõe, explorando espaços geográficos, vicissitudes socio-políticas, concepções e práticas culturais, incorporando todos estes aspectos nos seus discursos. De igual modo, afigura-se incontornável a menção do papel pioneiro de Bruce Trigger para o desenvolvimento da historiografia da Arqueologia, com a sua obra *A History of Archaeological Thought*. Embora a esta última ainda seja possível associar elementos da tradição anterior, representa um ponto de viragem fundamental, servindo não apenas de elo de paradigmas como uma base para futuros

estudos.

Através destas linhas gerais, é possível compreender a existência de dois momentos distintos, paradigmáticos e sintomáticos do dinamismo que as próprias ciências sociais e humanas atravessaram. Contudo, estas são apenas guias: a História da Arqueologia não se desenrola numa lógica abrupta e impreterivelmente linear, dado que a disciplina em cada país se desenrola em ritmos distintos entre si (Moro-Abadía 2012: 182; Murray 2005: 28). Deste modo, extrapolar estes dois períodos para o caso português – embora indubitavelmente úteis para compreender o panorama internacional – seria limitativo na medida em que se descurariam as particularidades da Arqueologia nacional. Não pretendendo analisar exaustivamente esta questão, mas antes formular um esboço preliminar, uma recolha bibliográfica na base de dados da *Biblioteca de Arqueologia da Direcção Geral do Património Cultural* permitiu lançar alguma luz sobre esta problemática. A pesquisa efectuada através do assunto *História e/ou Teoria da Arqueologia*, originou um volume considerável de entradas (n=1317), do que poderia antecipar-se um panorama relativamente rico. Contudo, a esmagadora maioria destas entradas refere-se principalmente a bibliografia espanhola, que investe sobremaneira na sua produção historiográfica e, em algumas ocasiões, no debate teórico (Moro-Abadía 2012: 182). Por outro lado, a junção entre História e teoria da Arqueologia neste âmbito, não obstante profícua em todos os demais contextos (Murray 2013: 24), não abona a uma pesquisa concreta, dado que o estatuto unitário de cada uma destas vertentes não é privilegiado.

Assim, reportando ao valor real desta amostra, esta rondaria cerca de 9% das entradas originais (n=128), o que permite compreender que a dimensão dos estudos sobre a História da Arqueologia portuguesa representa apenas uma pequena fatia. O facto de não aparentarem existir artigos sobre esta temática durante a década de 1970 poderá corresponder a uma fase de transição geracional, onde às preocupações teórico-metodológicas juntar-se-iam outras que justificassem este vazio (Carvalho - Diniz 2017: 56).

Há que ressaltar, contudo, três aspectos fulcrais: a existência de estudos desta índole já na primeira metade do século XX; a década de 1980 e o *boom* a partir da viragem do milénio. Dos primeiros, de matriz intrinsecamente positivista e de cunho biográfico, a relação com datas comemorativas é inequívoca, originando estudos historiográficos sobre personagens em concreto, da sua obra e legado. A década de 1980 representaria um momento de viragem, no sentido



**Fig. 1** - Artigos sobre a temática da História da Arqueologia portuguesa. Dada a componente preliminar desta recolha, estes números não devem ser tomados como inflexivelmente finais, mas como meras directrizes. Dados da base de dados da *Biblioteca de Arqueologia da Direcção Geral do Património Cultural*.

Décadas	Número de artigos
1930-1939	2
1940-1949	1
1950-1959	2
1960-1969	8
1970-1979	0
1980-1989	7
1990-1999	19
2000-2009	52
2010-2017	37
<b>Total</b>	<b>128</b>

**Fig. 2** - Expressão dos valores totais presentes na Fig.1, sobre o número de artigos de temática historiográfica por década.

em que a historiografia pretende agora explicar e interpretar as investigações e episódios da Arqueologia portuguesa de uma visão crítica, não se focando apenas no indivíduo, mas no colectivo e contextos em que se inserem. Com o novo milénio surgem não só uma quantidade considerável de estudos, mas de diversidade temática e de conteúdo: ensaiam-se agora sínteses sobre períodos de tempo específicos, exploram-se os associativismos e até paralelismos na Europa. Os picos correspondentes a uma quantidade superior de estudos historiográficos relacionam-se, numa tradição já corrente, com

datas comemorativas, culminando em balanços ou perspectivas sobre determinados(as) arqueólogos(as)/sociedades/comunidades. É notória aqui a importância da História da Arqueologia: nestes momentos-chave, entre a celebração da vida ou na consolação da morte, a produção historiográfica imiscui-se com a necessidade de salvaguardar e enaltecer a memória. Dentro destes a existência de contributos pontuais ajuda a compreender a presença de um conjunto de investigadores que se debruçam na História da Arqueologia de maneira sistemática, numa lógica de continuidade, embora o seu número seja manifestamente reduzido.

Duas questões surgem no seguimento desta recolha: o porquê do reduzido impacto que a História da Arqueologia portuguesa possuiu entre a comunidade arqueológica até à actualidade e o aparente desinteresse pelas gerações mais novas na produção historiográfica. Não existirá apenas uma razão explicativa para estas, dado que a sua complexidade não dependerá apenas da Arqueologia em si, mas da própria História, com o destaque na influência da escola dos Annales, da concepção de paradigmas propostos por Thomas Kuhn e das próprias correntes pós-modernas. Da primeira, escola francesa de escrita da História, reconhecem-se diferentes fases impactantes na historiografia europeia, com o romper da tradição anterior para dar lugar a uma História composta por aspectos económicos e sociais, pretensamente a mais completa via de estabelecer uma narrativa da verdade dos factos, pela extensa crítica das fontes. Para atestar o impacto que obteve para a Arqueologia, consulte-se

Bintliff (1991). Do segundo, com a sua obra basilar para a epistemologia da ciência *The Structure of Scientific Revolutions*, Kuhn explora as condições pelas quais o avanço científico se molda, sob a forma de paradigmas, ou seja, um corpo de ideias, metodologias e teorias que seja manifestamente aceite pela comunidade científica, transformando-se no novo *status quo*, até ser substituído pelo seguinte (Kuhn 1996: 10).

Todavia a inexistência de directrizes – dos moldes gerais da escrita da História da Arqueologia – e por outro lado, do desconhecimento dos seus avanços no panorama europeu, consideram-se aqui pontos fundamentais que justificam parcialmente esta tendência. É precisamente visando a inversão esta última que se ensaia, por um lado, a breve síntese já exposta e se exploram questões de âmbito metodológico.

### 3. DIMENSÕES E MÉTODOS DA HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA

#### 3.1. DIMENSÕES

Definida enquanto conceito, a História da Arqueologia pressupõe um conjunto de leituras sobre as relações dos arqueólogos e do pensamento arqueológico, quer em diacronia ou sincronia. A cobertura destas é por vezes concebida como um autêntico universo, no sentido em que atravessa não só o plano material, mas o intangível, suscitando dificuldades, ou impossibilidades em certos casos, de estabelecer uma narrativa cuja validade se adegue aos cânones da produção de conhecimento histórico. Tendo em conta esta problemática, afigura-se necessário reflectir sobre quais as dimensões o Arqueólogo se debruça em concreto, quando trata da historiografia da sua disciplina.

Existiriam assim várias dimensões trabalhadas pela História da Arqueologia:

1 – O Passado ou os Passados, no sentido de uma existência pretérita, seja ela material ou imaterial;

2- O Arqueólogo, enquanto indivíduo que se debruça, de acordo com os postulados científicos, sobre o estudo do Passado.

3- A Comunidade Arqueológica, enquanto organismos plurais compostos pelos Arqueólogos, onde em conjunto se determinam as direcções do estudo do Passado.

4 – A Sociedade, enquanto meio onde se inserem várias de distintas Comunidades humanas

cuja partilha de factores comuns conduz à criação de uma única que englobe estes últimos.

5 – O Mundo, enquanto o meio que se compõe de todas as Sociedades humanas.

Embora de carácter generalista, a exposição esquemática permite tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, a existência de um problema conceptual, ou seja, como definir à partida cada uma destas denominadas dimensões – Passado, Arqueólogo, Comunidade(s), Sociedade(s), Mundo – dado que a sua relatividade, quer em termos espaciais e temporais, é expressiva. Com a pós-modernidade surgiu a solução parcial de criar as Histórias da Arqueologia, proporcionando a concomitância sem o descurar das especificidades do percurso da disciplina em cada meio geográfico. Deste modo, a conceptualização pressupõe que este modelo seja fechado, ou seja, que funcione internamente sem necessidades externas, não estando, contudo, isolado, hermético a influências. Para a historiografia da Arqueologia portuguesa, as definições seriam as estabelecidas concretamente para o período em estudo, cuja aceitação seja o mais pacífica possível, algo passível de extrapolar para outros casos. Em segundo lugar, e no seguimento do primeiro ponto, a delimitação espaço-temporal, subentendida para qualquer análise e que se imiscui nas diversas dimensões. Em terceiro lugar, uma lógica de conjunto, de existência compósita, não se podendo tomar uma dimensão *per si* e isolá-la: para uma maior compreensão da unidade pressupõe-se que o seu processo de construção passa pela interação com as demais, numa visão holística. Finalmente, a componente inter-relacional, de contacto recíproco entre todas estas dimensões.

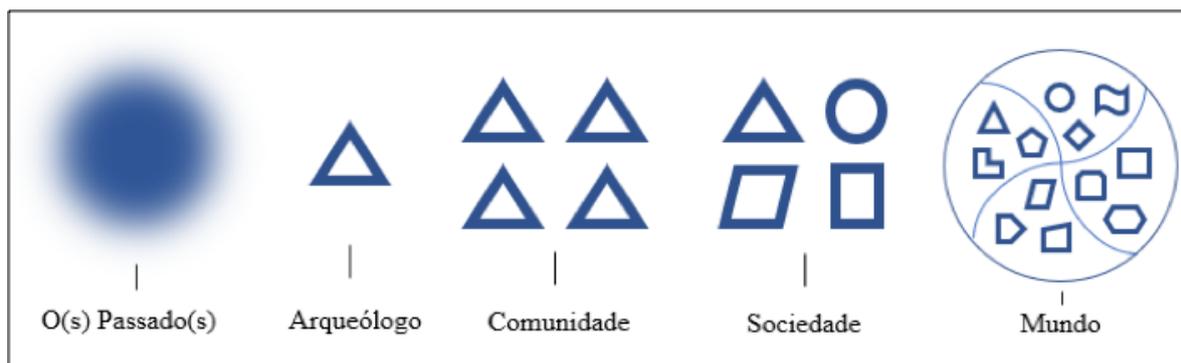
Este modelo reforça a inclusão da componente teórica para a História da Arqueologia, algo fundamental para a identificação das estruturas epistemológicas que a disciplina possui (Murray 2013: 26). Na transposição para a vertente prática, é possível estabelecer questionários da mais variada índole. Tomem-se os seguintes exemplos:

1 – Como se relacionou um arqueólogo com a comunidade arqueológica do seu tempo?

2 - Qual era percepção de determinada sociedade sobre o Passado?

3 – Quais foram as narrativas dominantes da produção de conhecimento arqueológico?

4 – Que lugar possuiu o arqueólogo na Sociedade?



**Fig. 3** - Proposta de formulação das dimensões exploradas na História da Arqueologia.

Todas estas questões surgem na combinatória dimensional atrás explicitada, podendo o investigador, se assim o pretender, alargar o espectro das suas questões e particularizar de acordo com a problemática a que pretende dar resposta.

No entanto, o estabelecimento de critérios de objectividade e validade dependem intrinsecamente de competências heurísticas, no sentido da pesquisa quer de fontes e de bibliografia.

As primeiras, de cariz original, dividem-se em múltiplas categorias, das quais se destacariam, para a Arqueologia, as fontes manuscritas, impressas, cartográficas, fotográficas e orais. Cadernos de campo, cartas, mapas e fotografias de sítios arqueológicos e testemunhos de intervenientes em trabalhos arqueológicos são, entre outras, exemplos destas realidades. Ressalve-se igualmente as homenagens, necrologias e textos de teor comemorativo, dada à sua tendência para produzir contribuições historiográficas. A relevância dos arquivos e do reconhecimento do seu potencial apresentam-se como necessidades significativas.

As segundas, produtos de análise das fontes, partilham da mesma diversidade: obra gerais e específicas. Desde dicionários, corografias, enciclopédias a monografias e artigos, a bibliografia inclui um reportório de informação que, embora manifestamente familiar a qualquer investigação científica, deve permanecer valorizada. Como tal, a compreensão da biblioteconomia e de princípios de indexação temática das obras consistem em mais-valias para a utilização eficaz das mesmas.

Há que sublinhar a componente simbiótica entre os questionários e a heurística: tanto a problemática se alicerça nos dados que possui como os dados influenciam a resolução de uma problemática. Assim, à comunicação e adaptação constantes entre estes dois aspectos deve juntar-se

um outro, de modo a atingir a fase interpretativa dos factos históricos: a metodologia.

### 3.2. MÉTODOS

Do conjunto de métodos que genericamente se utilizam para a História da Arqueologia, a primazia de uma narrativa intelectual, ou uma História das investigações de um determinado sítio arqueológico, exposta por ordem cronológica, são as fundamentalmente utilizadas durante o seu primeiro período, prolongando-se até à actualidade. Não obstante a sua importância – a História das investigações tornou-se, dada a sua indispensabilidade para qualquer trabalho académico, num sinónimo de História da Arqueologia – a metodologia passível de ser utilizada adquire contornos muito mais vastos. Expõem-se alguns exemplos que, pela sua articulação com os pontos anteriores, demonstram, quando utilizados em conjunto, uma manifesta consonância.

#### 3.2.1. BIOGRAFIA

A constituição de biografias, dos percursos de vida de arqueólogos, consolidou-se como prática recorrente nos primórdios da investigação em História da ciência. A formulação de questionários que permitissem conhecer, cronologicamente, os aspectos biográficos de um determinado/a cientista – nome completo, idade, filiação, habilitações académicas, percurso de carreira, entre outras – constituiu-se como um método canónico da historiografia, desde os seus primórdios. Consulte-se a este propósito a título de exemplo, para o caso português, Cardoso (1999) e Diniz (2008).

Utilizar a biografia, na actualidade, não dispensa a noção do criticismo que atravessaram

com a pós-modernidade: a evocação de autores “importantes” em detrimento de outrem ou questões de legitimação e de “posse” do conhecimento são alguns dos exemplos mais significativos (Kaeser 2013: 102). De facto, à biografia é por vezes associado um carácter “arcaico”, no sentido em que não se adequaria à investigação histórica devido a problemas de neutralidade em termos de produção científica. No entanto, esta componente pejorativa tem vindo a mitigar-se, dando azo a uma renovação dos objectivos dos estudos biográficos. Estes passariam a contemplar questões de outra índole, abandonando a exclusiva via da intelectualidade do arqueólogo e de uma narrativa unilinear, teleológica. Se o prenúncio da morte do autor ditou, por um lado, o fim de uma fase no que concerne à biografia, praticamente eclipsando-a até à última década do século passado, por outro viria a transformar as abordagens da mesma. Deste modo, a ligação da biografia com a micro-História apresenta-se como frutuosa. Percepcionar o autor de acordo com as suas características particulares, sobrelevando o indivíduo e a sua própria humanidade, no sentido de que não só pensa como também se rege pela via das emoções, confere ao investigador uma compreensão superior do registo arqueológico e da Arqueologia praticada pelo primeiro. Por outro lado, viabiliza um constante diálogo entre as práticas científicas contemporâneas e as passadas, destacando vicissitudes e transformações que, de um ponto de vista historiográfico, revestem-se de importância (Kaeser 2008: 12). Conceitos como interdisciplinaridade e multicontextualização emergem, com o percurso do indivíduo a imiscuir-se em diferentes áreas do saber, opiniões, espaços e temporalidades: em suma, estudam-se tanto as dimensões inerentes ao autor.

Às dualidades profícuas que os estudos biográficos originam podem associar-se questões de âmbito prático e teórico. Das primeiras incluem-se aspectos de trabalhos arqueológicos – onde e como se procederam a escavações; como se constituem os cadernos de campo; que metodologia emprega na sua produção escrita – enquanto que nas segundas se explora os campos do pensamento – porque interpreta deste modo; o que originou determinada decisão/reação; porque usa esta específica metodologia. É precisamente no pensar - na reflexão de temas arqueológicos - que as valências da biografia ainda se encontram parcialmente inexploradas, não obstante a obra pioneira de Bruce Trigger.

### 3.2.2. PROSOPOGRAFIA

A prosopografia revela-se como a comparação de aspectos biográficos dentro de uma amostra de indivíduos, visando a obtenção de dados quantitativos que permitam estabelecer algum tipo de relação entre a amostra observada (Keats-Rohan 2007: 141). O individualismo inerente à biografia não se perde – é, no entanto, contraposto, numa lógica holística, com um conjunto de fenómenos que ultrapassam o autor, não deixando de o tomar como figura central. Não deixando de se complementarem, a prosopografia procura encontrar quer semelhanças ou diferenças numa população em concreto (Keats-Rohan 2007: 143). Constitui-se como uma ferramenta particularmente eficaz para a historiografia científica dado que pretende viabilizar um estudo que se afasta da fase presentista, no sentido em que não se procuram introduzir conceitos do Presente na análise do Passado, tratando este último com a cautela necessária para o definir de acordo com parâmetros específicos ao período cronológico em questão (Shapin - Thackray 1974: 3). Por outro lado, permite atingir dimensões distintas da biografia - a génese de ideias, os movimentos sociais, a estrutura económica – visto que se rege pela recorrente comparação e contraposição entre indivíduos de um grupo bem delimitado e o que têm em comum (Shapin - Thackray 1974: 3). Todavia, permite igualmente percepcionar uma realidade muitas vezes relegada para a inexistência: a falha. Esta, de intenso carácter pejorativo, muitas vezes associada a questões emocionais e de legitimação intelectual, não figura habitualmente na produção historiográfica. Contudo, não só sendo praticamente inevitável a sua existência em qualquer actividade humana, quando analisada com o rigor e a objectividade que a História da Ciência pressupõe, pode conduzir a informações de elevado interesse: porque se abandona determinada interpretação? Porque é que existe incorrespondência entre o registo e o depósito de artefactos provenientes de trabalhos arqueológicos? Porque é que determinado grupo não é bem-sucedido numa actividade concreta? Com a pretensa neutralidade intrínseca, origina-se um exercício de compreensão de escolhas, equilibrando a importância da falha com a do sucesso, ambas vertentes indispensáveis à construção de conhecimento científico.

Finalmente, a prosopografia conecta-se intimamente com a estatística, abonando da utilização das já funcionalmente generalizadas bases de dados, uma componente que tem vindo a ser

enfatuada no caso português – a esse título consulte-se Bugalhão (2014).

### 3.2.3. REDES

As denominadas *networks analyses* apresentam-se como o apanágio da viragem do milénio no que toca à metodologia, quer nas Ciências Naturais como nas Ciências Sociais, facto indissociável da própria essência da sociedade contemporânea (Castells 2007).

Não obstante a sua utilização na Arqueologia não se possa considerar como particularmente inovadora (Knappett 2014: 179), a disciplina veio a incorporá-las cada vez mais no seu discurso, dado os avanços tecnológicos que permitiram o seu facilitado uso. O artefacto funciona como mediador neste âmbito, estabelecendo-se um conjunto de relações que permitam reconstituir as redes humanas do Passado (Fulminante 2014: 170), sendo a canónica adaptação deste método à Arqueologia. Por redes entendam-se todo um conjunto de interações entre agentes, sejam estes objectos, seres vivos ou ecossistemas, que contribuem para a visualização de um conjunto de relações complexa, aliada a uma massa de dados que, antes desta metodologia, seria muito mais difícil de analisar. Há que distinguir, no entanto, duas posições concretas que originam debate: devem as redes constituir-se apenas como método ou devem ser percebidas como uma formulação teórica, um novo paradigma emergente? Independentemente da resolução desta questão, embora se considere aqui a ruptura paradigmática como uma hipérbole, a viabilidade do estudo de redes, seja como metodologia ou estrutura epistemológica, não deixa de ser profícua. E não apenas na agência do artefacto, mas na componente social, o que permite à História da Arqueologia lidar com uma massa imensa de dados que, à primeira vista, poderiam aparentar o caos quando, na realidade, possuem ligações concretas e uma lógica de conjunto que de outra forma dificilmente seriam perceptíveis. Estas análises das redes sociais estão ainda parcamente exploradas no âmbito da historiografia da disciplina, não obstante serem reconhecidas como manifestamente úteis (Thornton 2015: 72). O que liga o arqueólogo a uma comunidade, a um sítio arqueológico, a um espaço e a uma ideia pode ser delineado de acordo com critérios especificados, conduzindo à construção de um esquema que ilustre todas estas relações, introduzindo possibilidades de interpretação que dependem intrinsecamente das capacidades de

identificação do investigador (Thornton 2015: 73).

### 3.2.4. SISTEMAS DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA

Os SIG, tal como as análises de redes, adquiriram um estatuto de relevância no seio da Arqueologia. Quer a possibilidade de conferir espacialidade aos dados arqueológicos, a micro-escala – no próprio sítio arqueológico – ou a macro-escala – na sua incorporação no território – quer a sua componente preditiva, deram origem à sua intensa apropriação na investigação arqueológica, independentemente do período cronológico em questão (Verhagen 2007: 15-16). Se a sua aplicação na História da Arqueologia não é manifestamente conhecida *per se*, o que dificulta a própria explanação das valências deste método, não deixa de se imiscuir na metodologia anterior. Um arqueólogo trabalha, por vezes, num conjunto de espaços distintos, abordando-os conforme as suas características particulares – a compreensão desses processos é vital para a historiografia crítica das investigações realizadas a um sítio arqueológico. Por outro lado, a movimentação do mesmo, dentro de uma área geográfica em concreto, pode elucidar as buscas que procurou realizar no âmbito de trabalhos arqueológicos; visitas a outros arqueólogos para comentar/estudar determinados artefactos; a sua ligação afectiva com um território, que cria “vácuos” ou “saturações” à investigação de uma determinada realidade geográfica. Em suma, os SIG podem funcionar como complemento à biografia, prosopografia e fundamentalmente à análise de redes, adicionando o imprescindível espaço e componente visual, pela via digital, proporcionando uma análise holística.

A metodologia não se fecha naturalmente nos exemplos explicitados, o que possibilita porventura a incorporação de muitas mais ferramentas que auxiliem a produção historiográfica. A biografia, prosopografia, análise de redes e SIG's distinguem-se pela sua complementaridade intrínseca: podendo funcionar por si mesmos, a sua relação origina um aparelho metodológico robusto, propício a interpretações de renovada objectividade, quando devidamente sustentadas.

## 4. PERSPECTIVAS

Resta reflectir sobre as direcções que a História da Arqueologia pode vir a tomar num futuro próximo, para o caso português. Imperativamente, há que lançar a seguinte questão, face aos dados obtidos

preliminarmente no início deste artigo: é a História da Arqueologia importante e de justificado lugar na educação do arqueólogo em Portugal? A pergunta pode parecer paradoxal, dada a tradição europeia em fomentar o binómio História/Arqueologia mas não deixa de ser premente, num estado da arte. Argumenta-se que não é apenas importante, mas completamente crucial para o percurso de qualquer profissional da área, com as ideias que se seguem.

Em primeiro lugar, a História da Arqueologia hoje não busca apenas a descrição de grandes vultos da disciplina, mas tudo o que a compôs ao longo dos tempos, numa atitude eminentemente crítica. Prepara, portanto, o arqueólogo a tomar conhecimento dos processos que geraram a Arqueologia em que trabalha, do Património que valoriza e da realidade em que se insere: se é consciente da importância de conhecer o Passado será tanto ou quanto mais consciente do quão importante é compreender o seu.

Em segundo lugar, traz benefícios imediatos a uma comunidade arqueológica. O acto da escrita de um elemento que é comum a um grupo é totalmente passível de propiciar a coesão e a polivalência entre distintos agentes. Como a historiografia só ocorre pela via colectiva, a contraposição e inter-relação de ideias entre quem a pratica, gerando igualmente informação profícua passível de ser utilizada para todos aqueles que assim o necessitem.

Em terceiro lugar, fomenta o pensamento crítico, a re-interpretação de modelos constante e uma visão holística da disciplina, visto ser fundamental a resolução de problemas decorrentes da análise das fontes; o debate epistemológico que origina a desconstrução ou esmiuçamento de uma realidade em concreto e a flexibilidade de percorrer vários períodos cronológicos, dado que a História da Arqueologia incorpora todos eles.

Finalmente, permite vias de resolução de problemas eminentemente práticos, como a questão da sobrelocação dos depósitos nas instituições museológicas – recontextualizando colecções, dando-lhes a necessária “vida” para que possam ser incorporadas num novo discurso científico, adaptado à exposição ao público – o “ressuscitamento” de sítios arqueológicos ao abandono – com a revisão da bibliografia e o enquadramento artefactual de trabalhos arqueológicos anteriores – a produção e readaptação de aparelhos legais – percebendo a evolução da legislação em diacronia, compreendendo o que funcionou e o que falhou e as suas razões. São estes alguns exemplos a que se poderão juntar

certamente outros, demonstrando a polivalência que a História da Arqueologia dispõe.

Como ponto final, o que encerra potencialmente o futuro? A ilusão de que a historiografia é um assunto esgotado em si mesmo não permite conceber que a Arqueologia portuguesa se depara, como é o caso de outros países, com uma *terra incognita*: há que fomentar as visões em conjunto do mesmo período cronológico; diversificar a componente temática dentro da historiografia, trabalhando o género, o indivíduo e o colectivo; reforçar a componente social da História da Arqueologia - como proposto em Fabião (1999: 106), procurando ainda mais os associativismos – destaque-se Martins (2014) - especialmente os não oficiais, os amadores, os entusiastas e contextualizá-los numa época e num espaço e estudar períodos em que a Arqueologia não é ainda ciência, desvendando os caminhos do pensamento e como o Passado é concebido ao longo dos tempos. Cabe igualmente aos arqueólogos mais jovens reverter a tendência, incorporando no seu discurso abordagens historiográficas e abandonando a ideia de que estas serão apenas uma repetição cíclica e acrítica de conteúdos, reforçando o carácter relevante e potencialmente útil que a História da Arqueologia possui. Há que torná-la cada vez mais apetecível, multifacetada e pluralista, adequada à realidade actual, pertinente nos debates da contemporaneidade e enfatizando a sua componente pedagógica, aproximando duas áreas – a História e a Arqueologia - que, embora distintas na sua índole, possuem um objectivo em comum: a produção de conhecimento sobre o Passado.

## 5. CONCLUSÃO

Com este contributo, pretendeu-se relançar o debate em torno da História da Arqueologia Portuguesa, munindo-a de ferramentas concretas, embora não fechadas em si mesmas, que proporcionassem uma reflexão das vicissitudes da sua escrita. Apresentando aspectos teóricos e metodológicos numa lógica complementar, demonstrando que a historiografia não deixa de acompanhar os desenvolvimentos inerentes à própria disciplina, o ponto final encerra a ideia de que muito ainda se encontra por fazer. Este artigo pretendeu, embora em alguns momentos vocacionado para a consciencialização de uma nova geração de arqueólogos, ser um discurso que englobasse a comunidade contemporânea: pois se é de facto uma realidade em aberto, o seu potencial encerra futuras

linhas de investigação que, como objectivo último, passam por trazer à luz frases, páginas e capítulos a adicionar ao infinito livro que é a História da Arqueologia portuguesa.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BINTLIFF, J. (eds.) (1991) - *The "Annales" School and Archaeology*. New York.
- BRADLEY, R. (2002) - *The Past in Prehistoric Societies*. New York.
- BUGALHÃO, J. (2014) - Arqueologia de Lisboa: balanço e perspectivas. Conferência apresentada no Seminário "Lisboa Subterrânea – Trajectos na Arqueologia Lisboaeta Contemporânea" (Lisboa, Sociedade Portuguesa de Geografia, Lisboa, em 21 de Maio de 2014).
- CARDOSO, J. (1999) – O Professor Mendes Corrêa e a Arqueologia Portuguesa. *Al-madan* II-8: 148-157.
- CARVALHO, D. - DINIZ, M. (2017) – A emergência da Arqueologia Processual em Portugal: a teoria e o método (1968-2000). Uma introdução. In ARNAUD, J. - MARTINS, A. (coord.), *Arqueologia em Portugal / 2017 – Estado da Questão*. Lisboa: 51-62.
- CASTELLS, M. (2007) – *A Sociedade em Rede* (3ª Edição). Lisboa.
- DINIZ, M. (2008) – José Leite de Vasconcelos entre o Folklore e a Ciência (ou a Ambiguidade de uma Agenda). *O Arqueólogo Português* IV-26: 127-144.
- FABIÃO, C. (1989) – Para a História da Arqueologia em Portugal. *Penélope* 2: 10-26.
- FABIÃO, C. (1999) – Um século de Arqueologia em Portugal I. *Al-madan* II-8: 104-127.
- FULMINANTE, F. (2014) – The network approach: tool or paradigm? *Archaeological Review from Cambridge* 29-1: 167–178.
- HODDER, I. - HUDSON, S. (2003) – *Reading the Past: Current Approaches to interpretation in archaeology* (3rd edition). Cambridge.
- KAESER, M. (2008) - Biography as Microhistory. the relevance of private Archives for Writing of the History of Archaeology. In SCHLANGER, N. - NORDBLADH, J. (eds.), *Archives, Ancestors, Practices. Archaeology in the Light of its History*. Oxford: 9-20.
- KAESER, M. (2013) - Biography, science studies and the historiography of archaeological research: Managing personal archives. *Complutum* 24-2: 101-108.
- KEATS-ROHAN, K. (2007) - Biography, identity and names: understanding the pursuit of the individual in prosopography. In KEATS-ROHAN, K. (ed.), *Prosopography Approaches and Applications. A Handbook*. Oxford: 139–181.
- KNAPPETT, C. (2014) - What are social network perspectives in archaeology? *Archaeological Review from Cambridge* 29-1: 179-184.
- KUHN, T. (1996) – *The structure of scientific revolutions* (3rd edition). London.
- LUCAS, G. (2005) – *The Archaeology of Time*. New York.
- MARTINS, A. (2014) – A Sociedade Archeologica Lusitana no contexto da Arqueologia de Oitocentos. *Setúbal Arqueológica* 15: 203-216.
- MORO ABADÍA, O. (2013) – La nueva historia de la Arqueologia: un balance crítico. *Complutum* 23-2: 177-190.
- MURRAY, T. (2005) - The Historiography of Archaeology and Canon Greenwell. *Bulletin of the History of Archaeology* 15-2: 26–37.
- MURRAY, T. (2013) – Why the history of archaeology is essential to theoretical archaeology. *Complutum* 24-2: 21-31.
- SHAPIN, S. - THACKRAY, A. (1974) - Prosopography as a research tool in history of science: The British scientific community, 1700-1900. *History of Science* 12: 1-28.
- THORNTON, A. (2015) – Social Networks in the History of Archaeology. Placing Archaeology in its Context. In EBERHARDT, G. - LINK, F. (eds.), *Historiographical Approaches to Past Archaeological Research* (Berlin Studies of the Ancient World 32). Berlin: 69-94.
- VERHAGEN, P. (2007) - *Case Studies In Archaeological Predictive Modelling*. Leiden.

# OPHIUSSA

## POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço [www.ophiussa.letras.ulisboa.pt](http://www.ophiussa.letras.ulisboa.pt), onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: [ophiussa@letras.ulisboa.pt](mailto:ophiussa@letras.ulisboa.pt)

# OPHIUSSA

## EDITORIAL POLICY

*Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

*Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: [ophiussa@letras.ulisboa.pt](mailto:ophiussa@letras.ulisboa.pt)

## ÍNDICE

<i>CRISTINA GAMEIRO</i> - A tecnologia lítica do fim do Tardiglaciar no centro de Portugal: o exemplo do Abrigo 1 de Vale de Covões (Soure) .....	5
<i>JUAN ANTONIO CÁMARA SERRANO</i> - <i>FERNANDO MOLINA GONZÁLEZ</i> - <i>CRISTÓBAL PÉREZ BAREAS</i> - <i>LILIANA SPANEDDA</i> - Una nueva lectura de las fortificaciones calcolíticas del Cerro de la Virgen (Orce, Granada, España) .....	25
<i>THOMAS TEWS</i> - A quadratura do círculo: sobre a questão da escolha de planta na arquitectura doméstica, no exemplo da Pré-História Recente e Proto-História na Estremadura Portuguesa ..	39
<i>ÍRIS DA COSTA DIAS</i> - A ocupação da Serra do Socorro (Mafra, Torres Vedras) durante o Bronze Final: a colecção de Gustavo Marques .....	59
<i>FRANCISCO JOSÉ GARCÍA FERNÁNDEZ</i> - <i>FERNANDO AMORES CARREDANO</i> - <i>ROCÍO IZQUIERDO DE MONTES</i> - <i>ANA MARÍA JIMÉNEZ FLORES</i> - Dos enterramientos singulares de la necrópolis de la Cruz del Negro (Carmona, Sevilla) .....	75
<i>FRANCISCO B. GOMES</i> - Equipamentos de culto nos santuários da Idade do Ferro do Sul de Portugal: os altares .....	101
<i>ANA SOFIA ANTUNES</i> - Fornos / silos aéreos da arquitectura sidérica peninsular: a propósito de uns "fundos de cabana" e de umas estruturas circulares da Azougada .....	111
<i>ANTONIO M. SÁEZ ROMERO</i> - Pucheros y fogones. Aproximación a la evolución de la producción de «cerámicas de cocina» púnicas y tardopúnicas en Gadir .....	137
<i>MARIA JOSÉ DE ALMEIDA</i> - Contributo para a normalização do registo de informação arqueológica a partir do estudo da via Emerita-Olísipo por Eborá .....	167
<i>ALEXANDRA NEPOMUCENO</i> - Fragmentos do Oriente em Leite Vasconcelos .....	185
<i>DANIEL CARVALHO</i> - A História da Arqueologia no novo milénio: dimensões, métodos e perspectivas para o caso português .....	195
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de Juan Álvarez García, Francisco B. Gomes e Elisa de Sousa) .....	205
<i>JEAN GUILAINE</i> . DOUTOR <i>HONORIS CAUSA</i> PELA UNIVERSIDADE DE LISBOA (textos de Mariana Diniz, Victor S. Gonçalves e Jean Guilaine) .....	213

